

AS ESTÉTICAS TECNOLÓGICAS E A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS PESQUISADORES E DE NOVAS PRÁXIS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Dorisdei Valente Rodrigues. Doutoranda do PPGE /FE - UnB
Projeto de Pesquisa financiado pelo OBEDUC - CAPES

Resumo

Na era digital as estéticas tecnológicas estão por toda parte, como nas publicidades, na moda, designs de hipermídia, vinhetas de TV, cinema, imagens em movimento, portais, sites, blogs. Nesse sentido, o grupo de pesquisa Proeja-Transiarte vem desenvolvendo desde 2007 experiências com alunos da educação de jovens e adultos com ênfase em práxis pedagógicas que promovam espaços para criação e a construção coletiva a partir de dispositivos e suportes tecnológicos. A metodologia utilizada é a pesquisa-ação, predominantemente existencial (BARBIER, 2003), que como prática caracteriza-se por uma ação colaborativa sustentada pela reflexão crítica e as transformações que a realidade demanda. A práxis da transiarte pauta-se no trabalho coletivo e nas produções estéticas tecnológicas significativas que dialogam com as experiências de vida dos educandos no coletivo, materializadas em diferentes formatos digitais; como vídeos, animação, poesias entre outros. Essa pesquisa integra a rede de pesquisa do programa Observatório da Educação – Edital 049/2012/CAPES/INEP com a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Federal do Espírito Santo, denominado: Desafios da Educação de Jovens Adultos integrada à Educação Profissional: identidades dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais. Ao longo de cinco anos a pesquisa vem sendo conduzida por um pesquisador coletivo constituído por educadores e educandos das escolas participantes e da Universidade de Brasília-UnB. Temos como eixo fundante a aprendizagem coletiva para pensar a estrutura da escola na era digital. Identificamos a escola como espaço que reconheça e integre a cultura tecnológica e as produções de arte digital como lugar de descoberta, experimentação, autonomia e possibilidades inter e transdisciplinar de encontro das diferentes áreas de conhecimentos.

Palavras chave: *Construção Coletiva, estéticas tecnológicas, Educação de Jovens e Adultos.*

Contextualização

Esse artigo destaca resultados parciais de uma investigação de doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação (PPGE/FE-UnB). Conjectura-se a partir da atuação de sujeito/pesquisador do grupo de pesquisa “Transiarte, Educação de Jovens e Adultos e Educação profissional no Distrito Federal¹”, no período de 2008 a 2012.

A pesquisa-ação orientou o percurso investigativo, realizado a partir das várias estratégias metodológicas (BARBIER, 2007); a) sentido e significado; b) articulação das linguagens na produção dos saberes junto ao currículo prescrito e vivido.

¹ O grupo encontra-se cadastrado no CNPQ- Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil, no endereço <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0240708FPW6HRY>.

A transarte vem se constituindo desde 2008, como uma proposta de construção coletiva a partir da experiência estética da arte digital como eixo de integração entre duas modalidades de ensino; Educação Profissional (EP) e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Pretende-se nesse cenário das experiências estéticas de arte digital, trazer reflexões acadêmicas para as discussões das práxis pedagógicas de ensino e aprendizagem pela via das construções estéticas tecnológicas dos jovens e adultos, compreendendo assim como Santaella (2009, p.499) que;

A tecnologia é um ingrediente da cultura contemporânea sem o qual ciência, arte, trabalho, educação, enfim, toda a gama da interação social tornar-se-ia impensável.

É nesse, campo polêmico das fronteiras do ensino da arte digital e da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional (PROEJA), que se compõe o referencial dessa pesquisa. A fim de evitar equívocos de compreensão quanto ao sentido que faço de algumas expressões ao longo do texto, faço uma breve contextualização da Educação de Jovens Adultos que representa a modalidade dos sujeitos da pesquisa; das bases legais do PROEJA; da arte digital (criação e interatividade) como eixo de integração do conhecimento que se desenvolve ao longo do processo de criação e produção da estética digital.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996). No início do século XX, a EJA ganha maior visibilidade com os movimentos populares, pelo desencadeamento de campanhas e ações, em nível nacional e internacional, para ampliação da educação, especificamente relativa ao atendimento de jovens e adultos, tanto na alfabetização quanto em toda a educação básica como modalidade de ensino.

O trabalho de Paulo Freire tornou-se, assim, um marco importante na educação de trabalhadores, por apresentar uma metodologia diferenciada para a educação de adultos. Segundo o educador, “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto, um do outro” (FREIRE, 2002, p.12). É por isso que pensar a escolarização de sujeitos excluídos socialmente requer uma metodologia específica considerando o conhecimento de mundo já construído ao longo da vida.

Nesse sentido, a abordagem para pensar uma práxis diferenciada para EJA configura-se como uma atitude de disseminar a teoria de ensino libertária em Paulo Freire e sua atuação de pensador, defensor e desenvolvedor de uma práxis não dualista, entre razão e emoção. Freire concebia uma educação mais ampla, centrada no respeito ao sujeito e na formação do cidadão crítico e consciente.

Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006 ao substituir o Decreto do PROEJA nº 5.478, de 24 de junho de 2005, introduziu novas diretrizes e ampliou a abrangência do anterior com a inclusão da oferta de cursos PROEJA para o público do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos.

A partir deste contexto, o PROEJA tem como perspectiva a proposta de integração da educação profissional à educação básica buscando a

superação da dualidade trabalho manual e intelectual, assumindo o trabalho na sua perspectiva criadora e não alienante. Isto impõe a construção de respostas para diversos desafios, tais como, o da formação do profissional, da organização curricular integrada, da utilização de metodologias e mecanismos de assistência que favoreçam a permanência e a aprendizagem do estudante, da falta de infra-estrutura para oferta dos cursos dentre outros. (Setec/Mec, 2009).

Diante desse contexto, em busca de repostas aos diversos desafios citados pelo Ministério da Educação, um grupo formado por professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, que desde 2007 coordena no Distrito Federal, o PROEJA-Transiarte atuando com Projeto 19 de 2007 á 2011 denominado, “O PROEJA indicando a reconfiguração do campo da Educação de Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – desafios e possibilidades do PROEJA”. Nesse período desenvolve experiências transdisciplinares de integração curricular por meio da práxis da arte digital/transiarte.

Em 2012, dando continuidade à pesquisa-ação investigando as possibilidades das tecnologias digitais, integramos o programa Observatório da Educação (OBEDUC) em rede com a Universidade Federal de Goiás e com a Universidade Federal do Espírito Santos. O projeto recebe o nome de “Desafios da Educação de Jovens Adultos integrada à Educação Profissional: identidades dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais”. Em Brasília participam da pesquisa-ação educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia, educadores da Escola Técnica de Ceilândia, graduandos, pós-graduandos e professores da Faculdade de Educação da UnB.

Então o que é a transiarte tão abordada nesse texto. Qual o conceito defendido na construção de uma práxis de integração.

A transiarte é uma forma de ciberarte que transita pela cultura do híbrido: do espaço presencial e do ciberespaço, do tempo individual e coletivo, promovendo um elo entre o presente do tempo real, não virtual, e o espaço virtual interativo da Web, em produções de caráter artístico colaborativo (TELES, 2012).

Em 2012, dando continuidade à pesquisa-ação investigando as possibilidades das tecnologias digitais, integramos o programa Observatório da Educação (OBEDUC) em rede com a Universidade Federal de Goiás e com a Universidade Federal do Espírito Santos. O projeto recebe o nome de “Desafios da Educação de Jovens Adultos integrada à Educação Profissional: identidades dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais”. Em Brasília participam da pesquisa-ação educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia, educadores da Escola Técnica de Ceilândia, graduandos, pós-graduandos e professores da Faculdade de Educação da UnB.

A transiarte se apresenta na perspectiva de utilização das tecnologias de informação e comunicação como ferramentas de integração e superação da dualidade entre; teoria e prática; manual e intelectual, razão e emoção. Assumimos o desafio de explorar diferentes experiências utilizando os meios do nosso tempo.

Os meios do nosso tempo, neste início do terceiro milênio, estão nas tecnologias digitais, nas memórias eletrônicas, nas hibridizações dos ecossistemas com os tecnossistemas e nas absorções inextricáveis das pesquisas científicas pela criação artística, tudo isso abrindo ao artista horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade (SANTAELLA, 2008, p.39).

Desse modo, no processo da transiarte a experiência estética da arte digital encontra-se como mediadora de um impasse conflituoso, entre duas visões; a educação tecnicista voltada para prática e a propedêutica com ênfase em conteúdos e teorias prescritos no currículo da educação básica. Para Zamboni (2001, p.20) arte e ciência assumem um caráter didático na nossa compreensão de mundo, embora o façam de modo diverso: “a arte não contradiz a ciência, todavia nos faz entender certos aspectos que a ciência não consegue fazer”.

A arte na transiarte representa uma estratégia pedagógica ativista de luta, já que é orientada para a inclusão dos “excluídos-incluídos” da modalidade de EJA. A arte, como estratégia de luta, fundamenta-se em Reis para quem;

[...] Sem sociedade civil mobilizada, organizada e articulada com os movimentos populares, [...] a sociedade política em si e por si, não vai desenvolver uma educação que interesse aos moradores populares, classes subalternas, excluídos-incluídos” (REIS, 2011, p. 6).

Nesse sentido o Proeja - transiarte e seus parceiros se organizam também na sociedade civil, se articulam e se organizam em função de uma intencionalidade político-pedagógica diferente dos padrões tradicionais vigentes de ensino. Para tanto a pesquisa-ação não é apenas uma escolha de metodologia, mas também de atuação e participação na sociedade civil organizada.

Caminha-se em direção à pesquisa-ação colaborativa embasada em Barbier (2007), que se funda na ação de sujeito coletivo de escuta sensível comprometido com a transformação humana.

A pesquisa-ação, portanto, não se satisfaz com a execução simples e reta dos procedimentos metodológicos a que os pesquisadores se propõem. Não é indiferente ao que acontece na escola, mesmo que não faça parte de seu foco de investigação uma vez que ação realizada pelo pesquisador e o coletivo são pensadas, avaliadas e reconduzidas para a transformação (ANGELIM, 2012).

Ao longo de cinco anos na pesquisa-ação trilhei uma caminhada de reflexão e ação. A reflexão sobre a minha própria práxis como professora e as contribuições que essa práxis poderia trazer para coletivo. A cada semestre em constante diálogo com os sujeitos da pesquisa aprendo a respeitar os saberes de cada um e utilizar esses saberes nas produções estéticas.

Nesse processo, todos se constituem como pesquisadores, não há distância entre educador e educando. As tecnologias aproximam o fazer pedagógico e o sentir

aflorando ainda mais as percepções dos participantes das oficinas transarte. Percebe-se ao longo desses cinco anos uma significativa redução das taxas de evasão no ambiente escolar e uma procura dos educandos por conhecer mais *softwares* com intuito de desenvolver técnicas de manipulação e edição de imagem em nível profissional. O papel do “professor” agora na condição de educador/ pesquisador inverte-se na pesquisa-ação.

“A pesquisa-ação supõe uma conversão epistemológica, isto é, uma mudança de atitude da postura acadêmica do pesquisador em Ciências Humanas”. Quando a pesquisa-ação se torna mais radical, essa mudança resulta de uma transformação da atitude filosófica do pesquisador envolvido com respeito à sua própria relação com o mundo. [...] (BARBIER, 2007, p.32).

Nas experiências de pesquisa-ação com educandos da Educação de Jovens Adultos de uma escola pública no Distrito Federal, constatou-se em artigos, livros e dissertações de mestrado que a escola se mostra como um campo aberto para inserção das tecnologias e o desenvolvimento de práticas de criação artística colaborativa.

É a partir do trabalho coletivo “das discussões de roda” que as estéticas digitais ganharam significados mais que estéticos, o encantamento vai ao encontro das expectativas dos alunos de serem vistos pela escola como pessoas, cujas experiências de vidas, podem dialogar com os conteúdos e disciplinas de forma mais significativas em sala de aula. Esse diálogo é defendido por Freire (2008) quando discute a relação dos conteúdos com as condições de vida dos sujeitos:

Há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os educados a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Porque não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (FREIRE, 2008, p. 30).

Paulo Freire (2008) propõe que a escola discuta os saberes dos educandos, saberes socialmente construído na prática comunitária, com os conteúdos disciplinares. REIS (2011) comunga com Freire (2008) e acrescenta que não só a discussão da inter-relação dos conteúdos disciplinares com os saberes dos educandos, mas também encaminhamentos para superação da situação-problema-desafio levantada são discutidos pelos e com os sujeitos no processo das oficinas transarte na pesquisa-ação.

As Estéticas Tecnológicas da Arte Digital no Processo de Construção da Transiarte

Neste trabalho pactuamos com Domingues (2008), Arantes (2008), Santaella (2008) e Shustermam (1999) na utilização do conceito de Estética (do grego αισθητική ou aisthesis: percepção, sensação) que na sua origem, segundo Arantes (2008) relaciona-se a uma “experiência que não é adquirida por meio do conhecimento intelectual e racional, mas pela sensibilidade”.

No processo da transiarte, a percepção e a sensibilidade são consideradas, no despertar das habilidades de manipulação das linguagens, características que vão refletir a estética contemporânea, estética que passamos a chamar nesse trabalho de estética tecnológica. Assim, a partir do entendimento da complexibilidade de pensar as produções artísticas na era digital pelas convergências entre a estética, técnica e tecnologia numa relação com o “saber fazer” dos jovens e adultos pela apropriação dos elementos (cor, volume, textura, forma, linha, e outros) se constitui a arte de transição ou transiarte, que é essencialmente uma linguagem em fluxo, em constante movimento e em trânsito.

Na contemporaneidade, já não há mais um lugar fixo para pensamentos dualistas, principalmente nas abordagens do campo da educação. Entende-se que a linguagem perde sua instabilidade quando o texto, imagem e som “sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se (SANTAELLA, 2008). A autora em seu conceito das “linguagens líquidas” na era digital. Vivencia-se uma confraternização de todas as artes que “fluem umas para as outras: artesanato, desenho, pintura, escultura, fotografia, vídeo, instalação e todos os seus híbridos.”

A transiarte se coloca dentro dessa confraternização da arte digital como uma práxis pedagógica, que visa à capacitação e o domínio de softwares ou hardwares como estéticas tecnológicas ou representações do campo artístico que dialoguem com o campo da arte e da educação, em suas práxis pedagógicas de ensino e aprendizagem na cibercultura.

Defende-se uma práxis educativa para EJA, que compreenda as possibilidades criativas e a construção coletiva a partir da popularização do computador, do acesso à internet, das mídias digitais e dos aparelhos móveis, pela apropriação de habilidades da reconfiguração das estéticas tecnológicas que estão por toda parte, como nas publicidades, na moda, designs, vinhetas de TV, imagens em movimento, portais, sites, blogs.

De fato, a transiarte ao entrar nas escolas abre possibilidades de uma construção coletiva que parte da vida cotidiana, dos problemas existentes na realidade, permitindo aos educandos sentir-se no mundo e transformar a realidade a sua volta, dando voz aos jovens e adultos trabalhadores no ciberespaço, lugar que para muitos ainda é desconhecido em todos seus níveis de interatividade, mas que aos poucos se torna amigável no contato que se estabelece pelo “interfaceamento” no site www.proejatransiarte.ifg.edu.br, com a produção estética/mundo.

Ao longo de cinco anos com experiências positivas e também negativas dentro das escolas a transiarte lança uma proposta de integração pautada na transdisciplinaridade para educandos criativos e com iniciativa. Moran (2000) fala de um novo perfil de educandos com disposição para buscar, dialogar, cooperar e

colaborar, esses são estudantes que certamente estarão exercitando seu potencial para a criação e solução de situações-problemas. E, claro que não estarão fazendo isso só entre eles e seus professores, mas sim na própria rede que se atualiza diariamente num processo incessante de colaboração das pessoas que a tornam viva.

O processo colaborativo se constrói no dialógico, que por definição, significa que a “confrontação e o surgimento de novas idéias, sugestões e críticas não só fazem parte de seu modus operandi como são os motores de seu desenvolvimento” (SILVA, 2012). Isso faz do processo colaborativo uma relação criativa baseada em múltiplas interferências.

A base epistemológica de construção coletiva articula-se com a ideia de sujeitos, lugares e saberes articulados para uma dada problemática. Os diálogos entre áreas e componentes curriculares estão fundamentados nas reflexões de Nicolescu (2000), seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina.

As oficinas de transiarte permitem a qualquer pessoa realizar experimento com cores, luzes, linhas formas, figuras, sons, texturas, animações e hipertextos dando vazão a suas habilidades criativas. Além de incentivar e promover a utilização de softwares para a produção e a manipulação de quaisquer elementos de texto, som e imagem.

Etapas do processo da oficina transiarte: escolarização e aprendizagem Significativa

O Convite aos educadores é uma conversa realizada com a participação de todos os membros da escola para apresentação do projeto, onde se exploram os resultados obtidos as diferentes formas de integrar o currículo, as produções e temas que deram origem às animações do site. Identifica-se o problema e se começa a estabelecer uma “contratualização” (BARBIER, 2007, p. 118): pensar em um “contrato de ação” que se estabelece entre os novos educadores e educandos.

As Situações-Problemas-Desafios configuram-se como segundo passo, em meio a discussão em que alguns sabem mais de um assunto e outros sabem mais de outro. O trabalho da equipe de pesquisa é o de fortalecer no grupo o sentido de produção coletiva e colaborativa para levar uma mensagem que eles querem publicizar para a sociedade. Algo próprio das experiências deles em que suas aprendizagens possam se revelar de modo criativo e ativo. Aos poucos a vergonha vai dando lugar ao trabalho de dois a dois, de três em três no computador para o cadastramento no site do Transiarte, para construção de e-mails, para ler o e-mail, ler notícias ou fazer outro tipo de pesquisa. Há participantes que nunca tiveram um e-mail, nunca conseguiram fazer nada usando a linguagem digital (blog, MSN, pesquisa na net, produzir páginas...). Para muitos estudantes, a roda é lugar onde ninguém precisa ter vergonha do que é, do que se constituiu e do que não sabe, ao contrário: é um espaço para aprender de modo valoroso.

A Criação do roteiro se constitui como terceira etapa, após a escolha do tema ocorre o que o grupo chama de tempestade de ideias. Este é o momento da identificação dos conflitos a serem abordados. Em círculo todos escrevem um roteiro a

partir de um tema escolhido, depois todos leem, até chegar a um consenso e construir um único roteiro coletivo. Apenas uma parte do roteiro é concretizada, pois, na execução, pode haver modificações, porém sempre de forma coletiva e aberta, sendo esse um momento de oportunidade para se promover aprendizagem colaborativa e interativa na medida em que é possível pautar os aspectos políticos, críticos culturais e outros.

Criação artística coletiva se apresenta como a quarta etapa, utilizamos o conceito de construção coletiva de Barbier (2007) e Levy (1998), vivenciado na pesquisa-ação do Projeto transiarte. Este conceito se apresenta como ideia-força capaz de articular as singularidades, num esforço propiciador da potencialização dos indivíduos, elevando-se ao autêntico processo de humanização e libertação criadoras.

Dentro do processo de criação priorizaram-se ações e a participação coletiva dos sujeitos. No sentido de estabelecer uma práxis pedagógica centrada no diálogo e na promoção da autonomia escolar, segundo Fayga Ostrower (2006), na concepção de criatividade. “O indivíduo cria não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa. O homem só pode crescer enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando”.

Neste sentido o processo de criação ocorre no âmbito da intuição. Toda experiência possível ao indivíduo, também é racional, tratam-se de processos intuitivos que se tornam conscientes na medida em que são expressos e na medida em que damos forma (OSTROWER, 1996. p. 10).

Para Sílvio Zamboni (2001) raciocínio e intuição estão conectados e funcionam das conexões entre razão e sensibilidade, às vezes estimulando mais um aspecto, às vezes, o outro. Entende-se que a própria consciência nunca é algo acabado ou definitivo. Ela vai se formando no exercício de si mesma, num desenvolvimento dinâmico em que o homem, procurando sobreviver, age. Ao transformar a natureza transforma-se a si mesmo.

A educação é pensada no seu fazer pedagógico e o compromisso político com a formação de sujeitos críticos e reflexivos que, mediante a apropriação do conhecimento, sejam capazes de perceberem-se como sujeitos históricos.

A quinta etapa é o processo de Edição de Imagens. Os *softwares* de manipulação e edição de imagens nos trazem a possibilidade de trabalhar com imagem quase que infinitamente, sejam nas formas, nas cores ou na inserção de elementos, sendo muitos deles adquiridos de forma gratuita e livre na *Internet*.

A realização da animação se dá por um processo de construção/desconstrução constante, desde o roteiro até a montagem. Nesse movimento de montagem, costumam-se, dentro de certa ótica, os fragmentos a serem produzidos, os quais traduzem a percepção dos sujeitos da pesquisa.

A última etapa é a postagem no site : <http://www.proejatransiarte.ifg.edu.br/>, sua interface permite a navegação e a interatividade de qualquer pessoa, que poderá se cadastrar desde que tenha um *e-mail*, para onde será enviada uma senha e, com isso, devidamente cadastrada, poderá postar e comentar. Esse espaço está aberto não apenas para informações estéticas, mas também como espaço de aprendizagem coletivo no âmbito da pesquisa-ação.



Figura 1 – Capa do livro. PROEJA-TransiarTE: *Construindo novos sentidos para a educação de jovens e adultos trabalhadores*. Narra às etapas da oficina transiarTE na espiral da pesquisa-ação.

Considerações finais

A educação é pensada no seu fazer pedagógico, com o compromisso político, com a formação de sujeitos críticos e reflexivos que, mediante a apropriação do conhecimento, sejam capazes de perceberem-se como sujeitos históricos.

A experiência que o projeto sinaliza, é que é possível pensar em outro modelo educacional que tenha em sua base a abordagem transdisciplinar. Pois além de criar e produzir novos conhecimentos o educando como protagonista de seu processo formativo pode melhor compreender os discursos e produções que o cerca e a cultura tecnológica em suas múltiplas faces. E assim lançar mão das ferramentas do ciberespaço para movimentar em outra relação com o conhecimento que se sustenta na perspectiva da autoria, e co-autoria, permitindo alimentar uma rede de inteligência coletiva.

Na transiarTE entendemos que não basta o acesso à máquina, mas sim o que fazer com esse acesso, de que forma construir um processo criativo mediado via softwares, que softwares escolher para produzir obras on-line, em que momento introduzir ferramentas mais complexas, tais como widgets com vídeos, música, animações e hipertextos. Essas decisões são, quase sempre, baseadas nos softwares e nas linguagens existentes. visando atender ao público que não domina código, mas

ainda assim deseja explorar o potencial de comunicação interativa e colaboração da Internet.

Essa pesquisa compromete-se com a transformação social pelo via da educação de jovens e adultos em um diálogo interdisciplinar nas áreas de arte, ciência e tecnologia, por entender que na atualidade as áreas de conhecimento devem conversar em busca de soluções de adequação da realidade escolar com a realidade vivida.

Neste sentido, pensar os processos educativos mediatizados pelas tecnologias, pode ser um caminho para fomentar um aprendizado sobre o uso das ferramentas para os processos comunicacionais e informacionais em rede, bem como para a inserção dos sujeitos da EJA nas práticas culturais em rede da Cibercultura, partindo de situações problemas desafios.

Neste sentido, as estéticas tecnológicas constituem meios de se abrir discussões sobre a construção da gestão da escola, dos espaços pedagógicos, da didática até aqui vivenciados sob a égide de uma pedagogia da transmissão. O centro do processo educativo continua sendo o educando.

As tecnologias integradas ao fazer do professor mediador, constituem ferramentas que dão condições efetivas de inovação no fazer pedagógico, na medida em que as compreendemos como uma via e não uma solução única, de comunicação e expressão, produção e criação de novos saberes.

Os jovens e adultos que procuram a escola para cumprir a exigência de ampliação de escolarização, são os mesmos que não tiveram oportunidade de estar ou estiveram, mas não lograram sucesso, então, porque permanecer e aprender ainda são velhos desafios em um sistema pensado para poucos?

As representações sociais que conduzem a prática do currículo desarticulado das tecnologias de comunicação e informação, ampara-se na prerrogativa de que os jovens e adultos precisam apenas aprender a ler, escrever e contar. Somando-se a estas ainda existe a resistência docente de manter-se distante das práticas culturais da cibercultura.

A arte digital propõe uma construção a partir da arte existente. Pensar e criar no ambiente escolar significa pautar todas as formas estéticas, as vivências individuais e coletivas, para favorecer os processos criativos e valorizar a expressividade artística, tanto na realidade física quanto virtual, sendo ela real e atual em sua processualidade.

A experiência da construção coletiva segundo Lèvy (1998) na perspectiva da arte digital, parte do pressuposto que o professor atua como um mediador em que todos os sujeitos possuem experiências as serem trocadas, discutidas, elevadas e atualizadas em novos saberes onde todas as áreas de conhecimento se confraternizam.

Bibliografia

ANGELIM, Maria Luiza. ***O percurso da pesquisa-ação***. In: TELES, Lucio; CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Renato. *PROEJA-Transiarte: Construindo novos sentidos para a educação de jovens e adultos trabalhadores*. Brasília: Editora Verbená, 2012.

- ARANTES, Priscila. *Tudo que é sólido, derrete: da estética da forma à estética do fluxo*, in SANTAELLA & ARANTES, Priscila. Organizadoras. **Estéticas Tecnologias: Novos Modos de Sentir**. São Paulo: Editora PUC-SP, 2008.
- BARBIER, Rene (2007) **A pesquisa Ação**. Brasília: Líber Livro Editora.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. SP: Paz e Terra, 2008.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva – por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução: Luiz Paulo Rounet. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica – uma antropopedagogia renovada**. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- NICOLESCU, Basarab et al. **Educação e Transdisciplinaridade**. Tradução Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman. Brasília: UNESCO, 2000. (Edições UNESCO)
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.
- REIS, Renato H. dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- SANTAELLA, Lúcia. **A Semiose da Arte das Mídias, Ciência e Tecnologia**. In: DOMINGUES, Diana (org.) **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. Flávia Gisele Saretta et al., tradutores. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____. & Arantes, Priscila. Organizadoras. **Estéticas Tecnologias: Novos Modos de Sentir**. São Paulo: Editora PUC-SP, 2008.
- SILVA, Cicero. **Arte e Tecnologia Digital Brasileira**. Editora: witz edições. <http://pt.scribd.com/doc/56378627/Arte-e-Tecnologia-Digital-Brasileira,2011>.
- SHURSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. Trad. Gisela Domschke. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- TELES, Lucio. **Introdução a transarte**, in TELES, Lucio; CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Renato. **PROEJA-Transarte: Construindo novos sentidos para a educação de jovens e adultos trabalhadores**. Brasília: Editora Verbena, 2012.
- ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3. ed. Campinas: autores associados, 2001.